

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA EM SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA (1985 – 2004).

**Marcelo Garcia Simão – Mestre em Educação Matemática - UFF
COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA**

Resumo:

Esse trabalho é parte de um estudo de doutorado do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP, e busca compreender e reconstituir historicamente as práticas pedagógicas inseridas no curso de Graduação em Matemática - Licenciatura (Interiorização) da Universidade Federal Fluminense (UFF), que funcionou no Município de Santo Antônio de Pádua, no período de 1985, ano da 1ª turma do curso, a 2004, ano de reformulação do currículo. O curso proporcionava aos seus formandos duas habilitações, uma de licenciatura em matemática para o ensino básico, e outra de licenciatura polivalente para o ensino infantil e para as séries iniciais do ensino fundamental, isto é, o professor formado pelo curso tinha também habilitação para lecionar outras disciplinas comuns a este último nível de ensino, como ciências, história, geografia, e língua portuguesa. Como metodologia de pesquisa utilizaremos a História Oral, que dispõe de referencial teórico para procedimentos de campo e para produção de relatório de pesquisa. A História Oral vem se mostrando adequada, como método, para investigação na área de História da Educação Matemática, especificamente no contexto da formação de professores, e nesse estudo será o caminho para produção de uma versão histórica, de outras possíveis do curso. O trabalho será composto de três entrevistas feitas com professores do corpo docente do curso. Além das entrevistas serão utilizados como fonte outros documentos, como documentos oficiais relativos ao curso, fotos etc. Neste artigo apresentaremos alguns trechos da entrevista da professora Célia, evidenciando e analisando alguns pontos que são importantes na composição da história do curso, como também, para o fazer historiográfico em história Oral.

Palavras-chave: História da Educação Matemática, História Oral, Formação de Professores de Matemática.

Introdução

Esse estudo refere-se a uma pesquisa de doutorado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática da PUC-SP, e percorre o caminho da História da Educação Matemática, especificamente no contexto da formação de professores, e buscará compreender e reconstituir historicamente as práticas pedagógicas inseridas no curso de Graduação em Matemática - Licenciatura (Interiorização) da Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro (UFF-RJ), que funcionou no Município de Santo Antônio de Pádua, no período de 1985, ano da 1ª turma do curso, a 2004, ano de reformulação do currículo.

A idéia da pesquisa no referido curso surge pelo diferencial que o mesmo apresentava na formação de professores. No período citado anteriormente, o curso habilitava o professor em duas áreas de ensino, licenciatura em matemática para o ensino básico e, licenciatura polivalente para o ensino infantil e para as séries iniciais do ensino fundamental, isto é, tinha também habilitação para

lecionar outras disciplinas comuns a este nível de ensino, como ciências, história, geografia, e língua portuguesa. Essa última habilitação é muito próxima do que hoje conhecemos como Normal Superior.

Essa formação ímpar, que proporcionava duas habilitações, trouxe-nos motivação para reconstituir a história das práticas pedagógicas inseridas no curso, buscando compreender como se desenvolvia essa formação.

Nós próximos parágrafos vamos discorrer um pouco sobre História Oral como método, e sobre uma das três entrevistas que comporá esse estudo, realizada com a professora Célia Maria Lira Jannuzzi, pertencente ao quadro de professores Departamento de Educação Matemática da UFF-RJ.

Metodologia

Para nosso estudo, precisávamos identificar uma metodologia de pesquisa que o abarcasse, não só na construção metodológica, mas também na indicação de teoria que o fundamentasse. Assim, pensamos na área de História da Educação Matemática, e mais especificamente em História Oral como metodologia para pesquisa qualitativa em educação matemática.

História Oral é definida por Meihy e Holanda (2007) como um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas.

Descrevem quatro principais conceitos sobre História Oral, que são:

1. História Oral é uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato.
2. A formulação de documentos através de registros eletrônicos é um dos objetivos da história oral. Contudo, esses registros podem também ser analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memórias coletivas.
3. História oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos e transformadas em textos escritos.
4. História Oral é um processo sistêmico de uso de entrevistas gravadas, vertidas do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas. (MEIHY; HOLANDA, 2007).

Na tese de livre docência de Garnica, na qual discute o uso da História Oral em pesquisa em educação matemática, o autor concebe História Oral como:

um método de pesquisa qualitativa que não difere, em geral, dos demais métodos qualitativos: compartilha com eles alguns dos princípios mais essenciais e elementares, mas deles difere por ter, dentre suas expectativas iniciais, não somente amarrar compreensões a partir de descrições, mas constituir documentos “históricos”, registros do outro, “textos provocados”. Pode-se argumentar que essa prerrogativa é

própria e natural às pesquisas que se valem de depoimentos: as narrativas dos depoentes – e isso é algo que julgo um princípio em qualquer investigação – devem estar integralmente disponíveis ao leitor que pode, se desejar, respeitados os termos impostos pelos depoentes, elaborar suas próprias análises. São, portanto, sempre, potenciais fontes históricas, cabendo a alguém aproveitá-las assim ou não (GARNICA, 2005a).

Para Garnica (2005a) a diferenciação entre História Oral e as demais abordagens qualitativas de investigação, está precisamente no fato de que a constituição de fontes é intencional e não incidental. Assim, obriga os que usam História Oral como método de pesquisa defenderem uma concepção de história e, conseqüentemente, de historiografia.

Em Meihy e Holanda (2007) há um detalhamento do “fazer” História Oral, e os autores ressaltam que o projeto de pesquisa é sempre uma iniciativa planejada para uma situação de investigação específica. Colocando assim, no sentido de busca, como projeto provisório, capaz de adaptar e evoluir durante o desenvolvimento do mesmo. Diz que um bom roteiro é essencial para o desenvolvimento do projeto, e aponta seis momentos especiais para o desenrolar de um projeto em História Oral, que são: elaboração do projeto; gravação da entrevistas; estabelecimento do documento escrito e sua seriação; sua eventual análise; arquivamentos; e devolução social.

Certamente, além do planejamento, e fundamentando este, há a necessidade de definir que tipo de pesquisa em História Oral se deseja realizar. (FREITAS, 2002; MEIHY; HOLANDA, 2007) apresentam desdobramento da História Oral em três gêneros: História Oral de Vida; História Oral Temática; e Tradição Oral.

Nesse trabalho identificamos a História Oral Temática como opção mais adequada como metodologia para nossa pesquisa. Assim, discutiremos um pouco sobre este gênero nas próximas linhas.

Para Freitas (2002) na História Oral Temática a entrevista é realizada com um grupo de pessoas, focando um assunto específico e determinado pelo o projeto de pesquisa. A entrevista tem como objetivo buscar respostas para o tema e não a totalidade da existência do informante. Assim os dados coletados podem ser mais numerosos, buscando comparação entre eles, e evidências do objeto que se deseja resgatar historicamente.

Bem próxima da idéia de Freitas, Baraldi (2003) nos acrescenta que a História Oral Temática “é um recorte da experiência de vida do colaborador e, não obrigatoriamente, concorre com a existência de pressupostos já documentados, fornecendo, então, outra versão histórica”. Afirma, então, que este gênero é o que mais se aproxima do modelo de trabalhos analíticos utilizados em diferentes áreas do conhecimento acadêmico.

Meihy e Holanda (2007) também têm idéias próximas às anteriores sobre História Oral Temática, e apontam que a documentação elaborada decorrente das entrevistas é o cerne deste ramo. Para os autores, mesmo que a História Oral Temática, em suas entrevistas, abrigue muita subjetividade, ela tem mais possibilidade de confrontos que se regulam a partir de datas, fatos, nomes e

situações. A definição do tema dada anteriormente, organiza a entrevista em relação ao objetivo que se deseja atingir.

Em relação ao entrevistador em História Oral Temática, Meihy e Holanda (2007) afirmam que ele deva ser bem preparado em relação ao tema, buscando conhecer bem o assunto abordado, pois quanto mais estiver a par do assunto melhor poderá ser suas questões e conseqüentemente o resultado da entrevista.

Definindo o gênero que se deseja trabalhar, podemos então focar nossa atenção na elaboração do projeto que se deseja realizar. Para Meihy e Holanda (2007) o projeto é a essência dos trabalhos em história oral, pois junta motivação do trabalho com procedimentos para uma boa realização da pesquisa.

Para os autores o projeto deve partir de escolhas que levem em consideração os seguintes fatores: (1) relevância social da pesquisa; (2) exeqüibilidade em termos de abrangência de entrevistas, local e tempo. (3) diálogo com a comunidade que o gerou; e (4) responsabilidade na finalização e devolução ao grupo. Ainda em relação ao projeto, o mesmo se constitui das seguintes partes: (1) tema; (2) justificção; (3) problemática e hipóteses; (4) *corpus* documental e objetivos; (5) procedimentos; (6) bibliografia; e (7) cronograma.

Fica claro, para nós, que o desenho de projeto em História Oral é praticamente único, pois cada tema definido, o gênero de História Oral escolhido, como localidade, cultura local, acesso ou não a documentação escrita, existência ou não de outras histórias em relação ao tema, os entrevistados, a finalidade social do tema, e todas outras variantes trarão justificativas e problemas pertinentes e necessários, além de indicar os caminhos a serem trilhados no percurso do projeto. Sendo assim, acreditamos que a discussão das escolhas que originarão o projeto, como citado por Meihy e Holanda, deve ser feita no planejamento do projeto em História Oral, podendo mesmo ser reconfigurada em alguns casos, no decorrer do mesmo.

Educação Matemática e História oral

Quando pensamos em pesquisa em Educação Matemática vem quase sempre implícita a idéia de pesquisa qualitativa. Na verdade a maioria dos programas de pós-graduação em Educação e Educação Matemática, nos quais surgem pesquisas na área de Educação Matemática, utilizam a pesquisa qualitativa na maioria de seus projetos de investigação.

D'Ambrósio (2006) discutindo pesquisa qualitativa em Educação Matemática, faz uma comparação com a pesquisa quantitativa e afirma que:

A pesquisa qualitativa é outra coisa. No meu entender, é o caminho para escapar da mesmice. Lida e dá atenção às pessoas e às suas idéias, procura fazer sentido de discursos e narrativas que estariam silenciosas.

Nesse texto não temos a pretensão de discutir a pesquisa quantitativa em Educação Matemática, mas busquei nesta idéia de D'Ambrósio estreitar o vínculo entre História Oral e Educação Matemática. Concordando com D'Ambrósio, acreditamos que há na Educação Matemática um campo de pesquisa que está

diretamente relacionado com a experiência vivida pelos sujeitos que compõem o ambiente escolar em geral. Esses sujeitos trazem marcas em sua formação como profissional e como pessoa para o mundo. Marcas não só no sentido de lembranças e memórias do passado, mas sim marcas que relatam a influência que a experiência vivida teve em suas formações, marcas que trazem uma história diferente daquela contada nos registros oficiais.

No Brasil há o Grupo de Pesquisa “História Oral e Educação Matemática” (GHOEM), que é interinstitucional com sede na Universidade Estadual Paulista – Rio Claro (UNESP - Rio Claro), e estuda as possibilidades de utilização da História Oral como um recurso teórico-metodológico para as pesquisas em Educação Matemática. Assim, é natural que nosso trabalho busque nos estudos desse grupo aportes teóricos, e conseqüentemente procedimentos de investigação para esta pesquisa.

O GHOEM vem desenvolvendo estudos específicos em duas frentes: estudos em Educação Matemática e estudos em História da Educação Matemática. Nessas frentes, basicamente, busca entender os processos e fundamentos da História Oral; e contribuir para entender as relações que se estabelecem entre Matemática, ensino e aprendizagem. O Grupo de Pesquisa tem como posição a valorização da pesquisa histórica da formação e das práticas de professores em contextos particulares, e, busca, de um modo geral, desenvolver projetos que constituirão documentos que poderão servir futuramente de subsídios para outros estudos. (GARNICA, 2005b).

Em História Oral Garnica (2005a) evidencia a intenção fundamental em termos de pesquisa, que é constituir uma abordagem metodológica para a Educação Matemática, especificamente para os estudos ligados à formação de professores, em interlocução com outras áreas que já fazem uso da História Oral como abordagem metodológica. Afirma que os componentes do GHOEM não pensam em estabelecer um método de pesquisa em definitivo, mas sim analisá-lo, criticá-lo em sua trajetória.

É fundamental esta posição do GHOEM, pois em se tratando de ciências humanas, que é o caso da Educação Matemática, não podemos colocar procedimentos de pesquisa como algo definitivo, pronto e acabado, a própria sociedade se transforma, e com ela a educação, assim, precisamos modificar ou adaptar teorias que possam dar conta de problemas de pesquisa em ciências humanas. Além disso, cada estudo é único, e assim precisa de um planejamento de pesquisa único, não definitivo, mas aberto a críticas e evoluções.

Vejamos o texto abaixo de Garnica (2005a) que coloca o uso da História Oral como método de pesquisa inserido num processo dinâmico e contínuo de avaliação, adaptação e evolução.

Defendemos a idéia de que a avaliação contínua de procedimentos e seus pressupostos – a avaliação do método, repetimos – deve ser feita em trajetória. A apropriação de uma gama de informações sobre tal método, em outras áreas, seria o disparador a partir do qual usaríamos, em nossas investigações, o “mesmo” método, mas já outro, pois complementado, reformulado, ampliado ou reduzido em algumas de suas disposições e formulações, no percurso das investigações. A primeira investigação que

orientamos criou a possibilidade de utilização do método (trata-se, basicamente, do mestrado de Gilda Lúcia Delgado de Souza). Num segundo momento (o doutorado de Ivete Maria Baraldi, também defendido junto ao Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro, como o mestrado de Gilda), já transitando por entre as disposições que havíamos detectado no primeiro exercício, certos elementos foram aprimorados, outros reavaliados, assumindo novas configurações. Num momento ainda posterior foi criado o Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática, cujos elementos, todos, em suas pesquisas, focavam seus “objetos” e, ao mesmo tempo, avaliavam, cada um sob sua perspectiva, o alcance e as limitações da História Oral como recurso para a Educação Matemática.

Para este estudo, tomaremos uma posição muito próxima da qual o GHOEM defende e realiza em pesquisas que envolvem História Oral e Educação Matemática (GARNICA 2005a, GARNICA 2005b, GARNICA 2006, SILVA e SOUZA 2007), e particularmente a formação de professor de matemática.

Entrevistas.

Esse estudo compõe-se de três entrevistas com professores do referido curso lotados no Departamento de Educação Matemática da UFF-RJ.

Nesse artigo nos ateremos somente à entrevista da professora Célia. A professora Célia é formada pela UFF-RJ em Biologia, e Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do curso de graduação, objeto de estudo, desde junho de 1986, e que além de ter lecionado disciplinas relacionadas à área de ciências, também lecionou disciplinas da área de educação, e de matemática, como história da matemática. É uma professora bem atuante no curso, na administração e na relação do mesmo com a comunidade local e, por um bom período, foi sua coordenadora. Outro ponto a destacar, é que a professora Célia participou efetivamente da extinção do currículo antigo, e fez parte do grupo que criou um novo currículo para o curso, que passou a funcionar em 2005, o qual passou a habilitar o licenciado somente para o ensino de matemática.

Pelos pontos destacados acima resolvemos convidar a professora Célia para a entrevista. Pois é uma professora que percorreu quase todo o período da pesquisa, além disso, foi coordenadora do curso, e esteve presente e atuando nos movimentos e processos que modificaram o curso em sua trajetória.

A entrevista foi realizada na casa da professora no Município de Niterói, Rio de Janeiro, no dia 14 de maio de 2010, e teve duração de 1 hora 22 minutos e 33 segundos. Transcorreu tudo bem. A professora Célia se mostrou sempre motivada em falar sobre o curso, empolgando muitas vezes o entrevistador, o autor deste artigo.

Para realização da entrevista não seguimos um roteiro fechado, mas sim nos propusemos mais em escutar do que falar. Houve sim um balizamento, não em questionário, mas em pontos temáticos de forma que a entrevista fosse

guiada pelo tema central da pesquisa, que é conhecer e entender as práticas pedagógicas inseridas na no curso de licenciatura em questão. Algumas vezes o entrevistador fez perguntas, mas sempre em momentos que achou que as respectivas respostas poderiam ser significativas para a pesquisa.

Em relação à entrevista da professora Célia, pudemos evidenciar alguns trechos que serão importantes para o resgate da história do curso, e extrapolando isso, também traziam indícios ou evidências de outras fontes relevantes para a história do mesmo.

Um primeiro trecho diz respeito à criação do curso, veja a transcrição abaixo:

Entrevistador: *Fale sobre a constituição do curso de formação de professores em Pádua.*

Professora Célia: *Esse curso foi criado em 1985. A primeira turma foi em março de 1985. Foi feito um vestibular, e nesse vestibular, com 50 vagas, entraram 50 candidatos na primeira turma, e ficou mais um tanto do lado de fora. Abriu-se uma segunda turma para agosto. De cara entraram 100 professores, alunos do curso.*

Por qual motivo o curso começou ali (Município de Santo Antônio de Pádua)? Algum tempo atrás, antes de 1985, eles (UFF) tinham um projeto de qualificação de professores de matemática que era coordenado pela professora Rosa Baldi e pelo professor José Francisco Borges Campos do Instituto de Matemática da UFF-RJ. E eles rodavam com esse curso pelo interior, pelos municípios do Estado do Rio de Janeiro. Eu não sei se eles tinham verba própria. Provavelmente tinham, mas eu não recordo do órgão financiador.

E num desses eventos aí (em Pádua) eles falaram... Isso aí é público e notório, toda vez que há uma reunião aqui e está presente o senhor Fernando Lavaquial (era o prefeito de Pádua na época), e tem uma fala sobre a UFF-RJ ele relata essa história. Diz ele que num encontro de prefeitos do interior, falando sobre a UFF-RJ, sobre os cursos, o reitor da UFF-RJ na época, Professor Raimundo, falou do desejo de Interiorização, e ele (Sr Fernando) levantou e ofereceu as condições para que a UFF-RJ fosse para Pádua. E a UFF-RJ foi para lá. Então a origem desse curso é um curso de extensão para qualificar professores de matemática, pois naquela época a maioria dos professores de matemática não tinha essa habilitação. Eram professores de outras áreas e que davam matemática também. Um dos objetivos era qualificar esse pessoal. E aí esse curso também encontrou outra possibilidade, outro grupo que precisava também de qualificação, de habilitação, de melhoria em seu desempenho, que era o pessoal que atuava em séries iniciais, e só o curso normal que formava. Havia um grande número que trabalhava nas escolas e não tinha a formação de professores, nem de ensino médio. Esse curso também habilitava os professores para atuarem de 1ª a 4ª séries, inclusive alfabetizando. Então a formação inicial desse curso era professor de matemática para atuar de 5ª a 8ª séries e ensino médio, que tinha uma habilitação que o autorizava atuar também nas séries iniciais com todas as disciplinas e não só com matemática.

É claro que ao passarmos a conhecer esse trecho já identificamos sua importância para a constituição da história do curso, pois trata de discussões acerca da criação de um curso no interior do Rio de Janeiro, mostrando que decisões muitas vezes são descentralizadas, e tomadas em reuniões carregadas de paixões individuais, coletivas e demandas locais, que fogem do planejamento da área educacional de um governo, ou mesmo de uma instituição federal como a UFF.

A criação do curso, devido a sua importância para esse estudo, terá um estudo aprofundado, entrelaçando memórias e outras fontes, como documentos oficiais. Mas um ponto diretamente ligado às práticas desse curso, é que o mesmo teve sua origem num curso de formação continuada, isto é um curso de extensão dado pela UFF a professores da região noroeste do Rio de Janeiro, isso há mais de 25 anos. Podemos imaginar vários novos questionamentos, como: Que influências esse curso de extensão teve na criação e na formatação do curso de graduação? As práticas pedagógicas do curso de graduação criado se modelaram em relação às trabalhadas no curso de extensão?

Vejamos outro trecho da transcrição da entrevista:

Entrevistador: *O que você acha como ponto fundamental para o curso deixar o currículo que tinha e começar um currículo novo? O que determinou isso?*

Professora Célia: *Duas coisas. Uma foi essa avaliação dos meninos. O currículo novo foi implantado assim: nós levamos de 1995 a 2004 discutindo o currículo antigo em vários seminários. Eu fiz minha dissertação de mestrado em cima da avaliação dos ex-alunos sobre o currículo. E a resposta deles era essa mesmo, muitas disciplinas pedagógicas em relação às disciplinas de matemática que eles precisavam para a formação como professor de matemática. Esse foi o ponto chave. Uma das coisas foi essa.*

Vejamos o que nos chamou atenção. Por si só a entrevista já é uma fonte histórica para essa pesquisa e para outras que poderão vir. Mais muito mais que isso, aponta para outra pesquisa, que trata da mudança de currículo, a dissertação de mestrado da professora Célia, especificamente analisa como os alunos da época avaliavam o currículo antigo do curso. É importante ressaltar que mesmo o entrevistador sendo professor do mesmo departamento da professora Célia, e já conviver com a professora desde 2006, nunca foi relatado ao mesmo, pela professora, que em seu mestrado na área de educação foi trabalhado um conjunto de avaliações realizadas por alunos do curso sobre o currículo antigo. Logo este outro material, a dissertação, se torna uma nova fonte a ser resgatada que poderá compor o conjunto de fontes históricas dessa pesquisa, que dificilmente, analisando documentos oficiais da UFF, essa fonte seria identificada.

Joutard (2000) já evidenciava essa relevância da História Oral afirmando que:

Não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou

cartas, o oral nos revela o "indescritível", toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas "muito insignificantes" - é o mundo da cotidianidade - ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita. É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto às estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional. Apelo aqui para a experiência pessoal dos universitários. Um relatório escrito de uma de nossas assembleias consegue traduzir o que realmente se passou? De minha parte, tendo tido, durante vários anos, funções de gestão, como responsável pelo sistema educativo de uma região, saí desta experiência reconfortado com a idéia de que, mesmo sendo abundantes, os arquivos escritos são insuficientes para descrever e, sobretudo, se compreender uma realidade tão complexa quanto à história da educação, e de que precisam ser complementados por grandes pesquisas orais que teremos a oportunidade de realizar (JOUTARD, 2000).

Fica claro para nosso estudo, pelo ponto de vista de Joutard, que a História Oral tem importância no fazer historiográfico. Principalmente como possibilidade de resgatar aspectos históricos que na maioria das vezes as fontes oficiais escritas não conseguem registrar. Particularmente, para a história da educação, podemos trazer à luz as realidades "indescritíveis" quando falamos de acontecimentos que não têm muitos registros, como práticas escolares, identidade de um grupo de professores ou alunos, histórias de vida de atores da escola entre outras realidades. Podemos compor outra versão.

Considerações finais

A História Oral mostra-se, como método, um caminho interessante para estudos na área de ciências humanas, especificamente na educação matemática, na história da educação matemática e na história da formação do professor de matemática, tanto em modo regular como em formação continuada. Não podemos atrelar somente o estudo histórico a cursos de grandes centros e a grandes instituições de ensino, mas lembrarmos que a educação está presente em todas as localidades do Brasil, e que todas, de alguma forma, têm algo a contar. Este estudo, ainda em caminho de produção de tese, busca uma dessas histórias descentralizadas, tanto na criação do curso, como nas ações que fizeram parte de seu percurso, até seu término em 2004. Busca revelar e entender as práticas pedagógicas que faziam parte da formação de professores, de matemática e polivalentes, na região noroeste do Rio de Janeiro durante 20 anos.

Referências

BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção.** Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

D'AMBROSIO, U. **Prefácio de livro.** In BORBA, M. C. e ARAÚJO, J. L. (Org.). Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREITAS, S. M. **História Oral: potencialidades e procedimentos.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GARNICA, A. V. M. **Um Tema, Dois Ensaios: Método, História Oral, Concepções, Educação Matemática.** Tese de Livre Docência – Departamento de Matemática, UNESP, Bauru, 2005a.

_____, A. V. M. **A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática: um estudo do caso brasileiro.** Comunicação apresentada no V CIBEM, Porto, Julho de 2005b.

_____, A. V. M. **História Oral e Educação Matemática: proposta metodológica, exercício de pesquisa e uma possibilidade para compreender a formação de professores de Matemática.** In: III Simpósio Internacional de Educação Matemática (SIPEM), 2006, Águas de Lindóia. Anais do SIPEM. Águas de Lindóia/Curitiba: SBEM, 2006.

JOUTARD, P. **Desafios à História Oral do século XXI.** In FERREIRA, M. M, (org.) História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000.

MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, H.; SOUZA L. A. **A História Oral na Pesquisa em Educação Matemática.** Bolema, Rio Claro (SP), ano 20, nº 28, 2007.